

EPIDEMIOLOGIA DA HANSENÍASE NA REGIÃO NORTE/NOROESTE DO ESTADO DO PARANÁ.

Congresso Online Brasileiro de Medicina, 1ª edição, de 06/12/2021 a 08/12/2021

ISBN dos Anais: 978-65-86861-87-7.

PEREIRA; Érica Aparecida¹, BEMVIDES; Giovana Paola Zaccarias², RODRIGUES; Rafael Moreira³, PINTO; Larissa Danielle Bahls⁴, VISENTAINER; Jeane Eliete Laguila⁵

RESUMO

A hanseníase é uma doença infecciosa crônica causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*. Anualmente são registrados cerca de 200 mil novos casos da doença em todo o mundo, sendo o Brasil o segundo país com maior número absoluto de casos, ficando atrás apenas da Índia. As características clínicas iniciais mais comuns da doença são lesões de pele com perda de sensibilidade e o espessamento de nervos periféricos. A classificação de Madri, apresenta quatro formas clínicas da doença: Tuberculoide, Indeterminada, Dimorfa e Virchowiana. Para fins operacionais e terapêuticos, a OMS classifica a hanseníase em paucibacilar (PB) ou multibacilar (MB). O estudo epidemiológico de uma população que desenvolveu hanseníase e a sua comparação com um grupo de indivíduos saudáveis permitirá investigar as formas dos fenótipos mais prevalentes, assim como a influência destes, em futuros estudos de associação genética, fatores socioeconômicos, de gênero, etnia, entre outros, que podem apresentar associação na resistência ou susceptibilidade à doença e/ou suas formas clínicas, recidivas e endofenótipos. O objetivo deste estudo foi levantar dados epidemiológicos de pacientes com hanseníase que recebem tratamento em Maringá e região no ano de 2005 a 2020. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (Número dos Pareceres: 464.158 - 18/11/2013 e 2.424.046 - 08/12/2017). A população estudada foi caracterizada através do preenchimento de uma ficha cadastral do paciente, contendo variáveis como: idade, sexo, etnia, região em que reside, tratamento e outros; além de dados clínicos da doença, por meio do acesso aos prontuários dos pacientes com a doença. Neste período foram estudados 611 casos comprovadamente diagnosticados de hanseníase. A maioria dos pacientes estudados (341) eram do sexo masculino, representando 55,8%, e 270 do sexo feminino, o que representou 44,2% do total de indivíduos do estudo. Na avaliação da cor autodeclarada, os brancos foram a maioria em ambos os sexos, representando 61,7% dos casos, seguidos pelos pardos com 27,2% e cor preta com 9,8%. De acordo com a classificação operacional, preconizada pela OMS e Ministério da Saúde, a forma multibacilar foi a predominante com 77,2%, seguida pela paucibacilar (22,8%). Com relação à distribuição etária, a faixa de 40 a 59 anos representou a maior parte dos infectados com 45,4%, seguida pelas faixas etárias dos 60 aos 79 anos, dos 20 aos 39 anos, dos 80 aos 99 anos e menores de 20 anos, com respectivamente, 35,6%, 16,5%, 2% e 0,5%. Já em relação à forma clínica, a forma virchowiana foi a predominante no sexo masculino,

¹ Universidade Estadual de Maringá, ericaapereira14@gmail.com

² Universidade Estadual de Maringá, giovanap.zaccarias@hotmail.com

³ Universidade Estadual de Maringá, ra107623@uem.br

⁴ Universidade Estadual de Maringá, laribahls@gmail.com

⁵ Universidade Estadual de Maringá, jelvisentainer@uem.br

representando 55,4% do total de homens. Por outro lado, no sexo feminino, houve o predomínio da forma dimorfa, que estava presente em 39% dos indivíduos do sexo feminino em estudo. Os resultados obtidos neste estudo contribuem para a caracterização epidemiológica dos pacientes da região norte e noroeste do Paraná, assim como oferece dados para futuros estudos de associação a outros aspectos, como as associações genéticas, nesta população.

PALAVRAS-CHAVE: Epidemiologia, , Hanseníase, Formas Clínicas, , Endenótipos